

789. 13
23.7.20
J. A. Pires de Lima

Professores vianenses
em Santo Tirso

Separata do
«ARQVIVO DE VIANA-DO-CASTELO»
Vol. I-1934.



TIP. GUTENBERG, LTD.

Viana-do-Castelo

1934

13
889
23.720
J. A. Pires de Lima



R. 121602

Professores vianenses

em Santo Tirso

Separata do
«ARQVIVO DE VIANA-DO-CASTELO»
Vol. I-1934.



TIP. GUTENBERG, LTD.

Viana-do-Castelo

1934

Professores vianenses em Santo Tirso

No I volume do ANUÁRIO DO DISTRITO DE VIANA-DO-CASTELO (p. 44-48) tracei a biografia de um professor primário, natural de Viana-do-Castelo, que prestou grandes serviços à instrução popular no concelho de Santo Tirso. Mas não foi somente esse mestre (Fernando Pires de Lima) que Viana mandou para aquela tão linda terra.

O meu Pai foi nomeado professor da freguesia de Areias em 21 de Outubro de 1870 e, logo no ano seguinte (9 de Março de 1871), trouxe para junto de si o seu 2.º primo Joaquim Pires Fernandes, natural, como êle, da freguesia de Carreço, filho dos modestos lavradores José Pires Fernandes e Maria Afonso Pequito.

Tinha apenas 16 anos Joaquim Pires Fernandes quando veio para Areias, pois nascera a 16 de Julho de 1855.

Tendo sido um dos primeiros e dos mais distintos alunos de seu primo, foi depois continuar os seus estudos na Escola Normal Primária de Lisboa, a única que existia então no nosso país, e completou o curso a 10 de Agosto de 1874, tendo sido aprovado com distinção em todas as disciplinas que constituíam a habilitação para o magistério primário. O respectivo diploma declara que «este aluno mostrou sempre muita aplicação e vocação para o ensino, segundo as provas práticas a que foi submetido».

Pouco depois, ainda muito novo, foi nomeado professor de instrução primária da vila de Santo Tirso.

Ali se fixou por toda a vida.

A sua biografia é simples. Joaquim Pires Fernandes, alma de apóstolo, dedicou inteiramente a sua actividade ao ensino da população de Santo Tirso.

Uns mil e quinhentos rapazes aprenderam a ler e foram educados por este mestre exemplaríssimo.

Durante cerca de 36 anos, Joaquim Pires Fernandes entregou-se devotadamente à sua nobre missão. Para êle não havia horários, nem férias e não gozou jámais qualquer licença: trabalhava de sol a sol como os lavradores. A sua actividade e o seu apuro grangearam-lhe a estima incondicional de toda a população tirsense e os superiores constantemente lhe manifestavam o seu apreço. Tenho presente um livrinho onde eram escritas as impressões dos sub-inspectores primários, quando faziam as suas visitas oficiais à Escola onde ensinava Joaquim Pires Fernandes. Todos eram unânimes em deixar registados os seus louvores a um mestre tão dedicado no seu mister sublime.

Assinam essas impressões João de Azevedo Ramos Paz, tam-

bém vianense (1885, 1886, 1887 e 1888), Júlio César de Lima (1891), e Agostinho Antunes de Azevedo.

No «Diário do Governo» de 20 de Fevereiro de 1899, depois de ter sido feita à sua Escola uma inspecção especial por um delegado directo do Governo, foi publicada uma portaria de louvor a Joaquim Pires Fernandes pelos seus distintos serviços.

Também a Câmara Municipal de Santo Tirso, em outra oportunidade, lhe consignou um voto de louvor no livro de actas das suas sessões.

Por duas vezes foi galardoado pelo Governo com o prémio pecuniário de 60\$000, que era conferido aos melhores professores de instrução primária (1904 e 1905). Foi também premiado numa exposição de caligrafia a que concorreu.

O Conde de S. Bento, benemérito doador das Escolas de Santo Tirso, todos os anos lhe oferecia 90\$000, como prémio pelos serviços extraordinários por êle prestados à instrução e, por sua morte, deixou-lhe em testamento o mesmo prémio anual vitalício.

A vida dos professores primários é sempre singela: ensinar a ler durante trinta anos e descansar depois, numa doce velhice.

Mas Joaquim Pires Fernandes não tinha nada de burocrata. Cuidava só do ensino, viveu para êle e por êle morreu.

Todos se lembram em Santo Tirso do cuidado que êle punha em preparar os seus alunos.

Durante a sua carreira de professor, nada menos de 325 alunos dêle foram aprovados no exame de 1.º grau e 168 no 2.º grau.

Em 1891 foram fazer exame aos liceus de Braga e de Guimarães, 16 alunos do Professor Pires Fernandes. Todos ficaram aprovados e treze dêles ficaram distintos. Um obteve 19 valores e fez tal impressão a maneira excepcionalmente brilhante como vinham habilitados os alunos de Santo Tirso, que os examinadores não hesitaram em manifestar públicamente o seu louvor a mestre tão insigne.

Joaquim Pires Fernandes esgotou-se no trabalho.

A sala de aula era enorme, os alunos eram sempre mais de uma centena e o professor, em regra, não tinha ajudantes.

Para ser ouvido por tão numerosa população escolar numa sala tão vasta, tinha de altear a voz, num esforço permanente. Um enfisema pulmonar, de origem cardíaca, ia-se estendendo cada vez mais e o bom do professor não cuidava de si. Não repousava nunca, jámais pensou num tratamento a sério. A 24 de Janeiro de 1911 morria súbitamente, apenas com 56 anos de idade e quasi com 36 anos de serviço ininterrupto. Na véspera da sua morte ainda dera aula e, naquele mesmo dia, quando os seus cento e setenta alunos se dirigiam à Escola, rapidamente debandaram, como en-



JOAQUIM PIRES
FERNANDES

(1855-1911)

xame de abelhas sem rainha, murmurando tristemente: «*Morreu o Mestre!*»

«A homenagem de quarta-feira, referiu a «Semana Tirsense» (29-I-1911) prestada à memória de Joaquim Pires Fernandes, pelo que teve de justa e merecida, constituiu uma das mais significativas e comoventes demonstrações de saúde que temos visto nesta vila.

Nunca o preito devido ao mérito, à competência, à bondade, à virtude, pôde ser mais conscienciosamente interpretado, num todo singelo de enternecido pesar, como naquele dia assinalado, que viu partir, numa eloqüente apoteose fúnebre, do nosso edifício escolar para a sua última jazida, um membro, trabalhador infatigável, zeloso e proficiente da mais prestante classe social».

Dez anos depois, no mesmo jornal (17-VII-1921), num sentido artigo, o Snr. Dr. Roberto Macedo rememorava os seus *tempos de aula*, afirmando que toda a população laboriosa de Santo Tirso devia a sua educação ao querido mestre Pires Fernandes.

«Vocês recordam-se, diz o Dr. Macedo: no fim da aula, rezava-se em voz alta — Padre nosso que estais no... céu santificado seja o... Era interessante a maneira de entoar aquelas orações.»

Veio a lei de Separação da Igreja do Estado e nunca mais os alunos da Escola de Santo Tirso puderam repetir em cântico o «Padre Nosso»...

Com o andar do tempo, não afrouxou a veneration dos tirsenses pelo seu saudável mestre. Um vibrante artigo do «Jornal de Santo Tirso» (20 de Março de 1924) lembrou à Câmara Municipal a urgência de pagar uma dívida de gratidão, inscrevendo o nome do Professor Pires Fernandes na esquina de uma rua de Santo Tirso. A Câmara ouviu a sugestão e, pouco depois, era baptisada uma rua da vila com o nome do «Santo Mestre».

Também a Câmara Municipal cedeu gratuitamente um terreno no Cemitério para se lhe erigir um jazigo perpétuo.

Ainda hoje, os antigos alunos de Pires Fernandes se consideram pertencendo a uma espécie de aristocracia intelectual.

Quando, no meio do trabalho, ou do recreio, alguns tirsenses travam uma discussão sobre qualquer assunto, a controvérsia logo termina, se um dos mais velhos diz com intimativa: «Cala-te, que eu fui ensinado pelo Professor Pires Fernandes...»

A 3 de Setembro de 1861 nasceu em Viana-do-Castelo Zulmira de Azevedo, filha de D. Josefa Pinto e de José António Gonçalves de Azevedo, que era natural da freguesia de Afife, tendo tido uma vida muito acidentada, fazendo largas viagens, como oficial da marinha mercante. Era muito instruído e falava correctamente francês e inglês. Depois de uma estada no Brasil, regressou a Viana, abrindo um estabelecimento comercial na rua antigamente denominada de S. Sebastião. Foi, contudo, pouco feliz nos seus

negócios e teve que encerrar o estabelecimento, ficando com poucos recursos.

Educou primorosamente as suas filhas e quando a mais velha, D. Zulmira, tinha apenas vinte anos, por conselho do professor José Joaquim Vaz, no curto prazo de oito meses preparou-a para o exame de habilitação para o magistério primário, o qual foi feito em Braga com o melhor êxito. Fez o curso complementar também na circunscrição escolar de Braga em 28 de Julho de 1883.

Concorrendo à cadeira vaga de professora primária da Escola feminina de Santo Tirso, facilmente foi nomeada, visto possuir aquelas habilitações.



D. ZULMIRA DE
AZEVEDO
(1861-1927)

Sua Irmã, Senhora D. Maria Sofia de Azevedo, felizmente ainda viva, nasceu a 3 de Novembro de 1867 e teve na infância a mesma esmerada educação de D. Zulmira. Esta ilustre Senhora foi nomeada professora interina da Escola feminina de Santo Tirso em 30 de Julho de 1883 e professora definitiva da mesma cadeira em 22 de Outubro do mesmo ano.

Vieram, pois, em 1883, para Santo Tirso aquelas duas Senhoras, acompanhadas pelo seu velho pai.

D. Maria Sofia de Azevedo fez exame de habilitação para o magistério primário, em Viana-do-Castelo, a 28 de Novembro de 1894, mas havia muito tempo já que auxiliava sua Irmã como monitora ou ajudante e já antes disso substituíra uma outra velha professora.

José António Gonçalves de Azevedo veio já bastante alquebrado para Santo Tirso, onde se dedicou à floricultura, arte de que foi distinto amator.

No quintal da Escola do sexo feminino, cultivava o «Pai das Mestras» um lindo jardim e, numa das salas do esplêndido edifício escolar doado pelo benemérito Conde de S. Bento, arquivava também delicadíssimas plantas de estufa, as quais eram tratadas com a maior proficiência e esmero.

O simpático velhinho veio a falecer em 19 de Outubro de 1900, aos 85 anos de idade, com uma hemorragia cerebral que o tornara afásico durante dois anos.

Foi extrêmadamente benéfica a acção de D. Zulmira de Azevedo e de sua Irmã na educação da população feminina de Santo Tirso.

Uma aspiração das chamadas democracias modernas é a escola única, em que sejam educados os filhos do povo em promiscuidade com os alunos filhos de pessoas abastadas de todas as classes. Esse *desideratum* estava plenamente realizado na Escola de Santo Tirso, onde se acolhiam meninas de todas as condições sociais.

D. Zulmira tinha uma educação esmeradíssima e era uma

professora inteligente e muito activa, a-pesar-do seu aspecto franzino. Transmittiu as suas gentís maneiras às meninas tirsenses, durante dezenas de anos. É por isso, com certeza, que a mulher de Santo Tirso se distingue pelo seu porte cheio de dignidade e de nobreza, quer se trate de uma dama da melhor sociedade, quer de uma sua humilde serviçal.

D. Zulmira e sua dedicada Irmã foram educadoras de mérito.

A maior parte das esposas e das Mães tirsenses foram educadas na Escola exemplaríssima das irmãs Azevedo. Ali aprenderam a ler, ali colheram uma sólida instrução primária e ali, nos intervalos das aulas, em alegres bandos, cantavam as «Meadinhas de ouro», a «Condessa de Aragão» e muitas outras encantadoras danças de roda, enquanto que, a alguns metros de distância, no mesmo amplo terreiro, os seus camaradas do sexo masculino jogavam o pião, ou se exercitavam em outros jogos mais movimentados.

Numerosas foram as provas de consideração recebidas por D. Zulmira de Azevedo, durante a sua longa e brilhante carreira pedagógica.

O «Jornal de Santo Tirso» de 7 de Junho de 1894 faz um largo relato da homenagem prestada à insigne professora pelas suas alunas, à qual se associaram as autoridades e todas as pessoas gradas da terra. Foi uma romagem, singela mas impressionante, feita em sua honra à povoação de S. Bento da Batalha.

Em acção de graças pelas suas melhoras, depois de uma longa doença, também pela mesma época, se realizou na igreja de Santo Tirso, uma cerimónia religiosa muito solene.

Depois de ter sido feita à sua Escola uma inspecção extraordinária por um delegado directo do Governo, foi publicada uma portaria de louvor pelos seus *distintos serviços* («Diário do Governo» de 20 de Fevereiro de 1899).

A Câmara Municipal do concelho de Santo Tirso, em sessão de 26 de Março de 1902, também exarou no livro das actas das suas sessões, «um voto de louvor à ilustrada professora da Escola desta vila D. Zulmira de Azevedo, pela forma como tem desempenhado a missão que lhe foi confiada».

Foram-lhe conferidos pelo Governo dois prémios pecuniários de 60\$000, sendo o primeiro deles registado no «Diário do Governo» de 24 de Fevereiro de 1905.

Como sucedeu ao seu ilustre colega Pires Fernandes, também o benemérito Conde de S. Bento lhe deixou um legado vitalício de 90\$000 anuais, como prémio por serviços extraordinários prestados à instrução.

Durante uma visita feita à Escola feminina de Santo Tirso, perante as autoridades e quasi toda a população da vila, o venerando Bispo do Pôrto D. Antonio Barroso manifestou publicamente o alto aprecio em que tinha a grande professora.

Em todas as inspecções officiais realizadas à Escola, os respectivos funcionários deixavam no livro das visitas referências altamente honrosas.

Na Exposição do Palácio de Cristal de 1 de Junho de 1890 obteve um diploma pelo conjunto de trabalhos manuais das suas alunas.

«É claro, diz modestamente D. Zulmira de Azevedo nuns apontamentos manuscritos que tenho presentes, é claro que todas estas provas de deferência, louvores e prémios eram extensivos a minha irmã Maria Sofia de Azevedo, que era considerada professora-ajudante e não tinha direito a prémios pecuniários nem a referências à parte: eram para a *escola* a que ambas davam a sua melhor boa vontade e toda a sua actividade».

Depois de uma larga e brilhante carreira, em que o seu organismo franzino pouco a pouco foi definhando, obteve a aposentação a 7 de Março de 1924.

A sua dedicada irmã e cooperadora aposentou-se também pouco depois, indo ambas viver para a mesma rua onde, 41 anos antes se instalaram, quando vieram, de Viana-do-Castelo, dedicar-se ao ensino.

Com a idade de 56 anos, como o seu colega Pires Fernandes, morreu, em 2 de Fevereiro de 1927, D. Zulmira de Azevedo, depois de uma longa e pertinaz afecção pulmonar.

A Câmara Municipal cumpriu também o dever de baptizar com o seu glorioso nome a rua onde ela faleceu.

¡Ditosa vila de Santo Tirso! A generosidade do Conde de S. Bento mandou ali construir escolas primárias que são, ainda hoje, das melhores do País; e, por fortuna, não podia encontrar-se em Portugal melhor corpo docente do que aquele que foi inaugurá-las, ensinando a ler, durante perto de três dezenas de anos, toda a população daquela terra.

Viana-do-Castelo pode orgulhar-se por lhe caber a honra de ter gerado tão valiosos elementos da benemérita cruzada do ensino.

Pôrto.

J. A. Pires de Lima.

P. S. — Ao Sr. Dr. A. Lima Carneiro e às Senhoras D. Palmira Fernandes e D. Maria Sofia de Azevedo sou devedor da maior parte dos dados com que redigi esta notícia. Muito grato me confesso a todos três.

P. L.

ARQVIVO DE VIANA-DO-CASTELO

REPOSITÓRIO DE ESTUDOS E CURIOSIDADES REGIONAIS

DIRECTORES :

Abel Viana, Alberto Meira,
Dr. José de Alpuim de Agorreta (Gerente)
e M. Couto Viana.

REDACÇÃO :

Largo do Penedo, A. M.

ADMINISTRAÇÃO :

Largo de João Tomaz da Costa, N.º 10
VIANA-DO-CASTELO



A correspondência sôbre assuntos de redacção
para Alberto Meira e de administração
para Dr. José de Alpuim de Agorreta.